

Camisas da Chapecoense na Era das Comemorações: celebrando a história e a memória¹

Pedro PRADO²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este artigo analisa a Era das Comemorações nas camisas da Chapecoense. Procura compreender o uso cada vez mais frequente do *design* de vestimentas esportivas como ferramenta de expressão e propõe uma reflexão sobre a apropriação desses objetos como suporte de homenagem, identidade e celebração. Para tanto, foi acionado como referencial teórico os estudos sobre a “era das comemorações”, a antropologia do objeto documental e a globalização da memória. O trabalho tem como metodologia a revisão bibliográfica e a análise de algumas camisas da Chapecoense lançadas após o ano de 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Chapecoense; camisas de futebol; Era das Comemorações; celebração; memória.

Introdução

O futebol tem todo um imaginário social e coletivo que está em constante transformação. A modalidade faz parte das principais conversações sobre esporte na mídia e é a mais vista e acompanhada em todo o mundo. Mauro Betti nos lembra que “A rigor, não existe esporte *na* mídia, apenas esporte *da* mídia” (BETTI, 2001, p. 107, grifo do autor). Ou seja, extrapolam-se os campos das disputas e das histórias próprias, entrando no mundo das interpretações, análises, narrativas e produções de sentidos.

Um objeto muito ligado ao futebol esse esporte é a camisa, que é por vezes referenciada, reproduzida e metaforizada, adquirindo diversas significações para os sujeitos. Essas vestimentas, inicialmente pensadas apenas para diferenciar duas equipes durante uma partida, se tornaram uma verdadeira ferramenta de comunicação e expressão. Além de oferecer suporte para as marcas de patrocinadores e de elementos que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e integrante do grupo de pesquisa Mídia e Memória. Publicitário e Jornalista pela mesma universidade. Bolsista da Capes. E-mail pe_maia@me.com.

identificam cada clube de forma única, as camisas foram apropriadas com o passar do tempo como um meio de falar com o mundo e, também, de celebrar a história e a memória. Por meio do *design* e de elementos visuais, as camisas dos times assumem um papel de comemorar aspectos identitários, uma conquista, a memória de alguém, etc.

Neste artigo, discutimos sobre o conceito de Era das Comemorações e o contextualizamos com algumas camisas da Chapecoense que foram lançadas entre 2016 e 2020 – mostrando a importância desses objetos para compreendermos a materialidade das celebrações para a humanidade.

A antropologia dos objetos e a globalização da memória

As camisas de futebol assumiram outros papéis importantes ao longo dos últimos tempos, indo além de simplesmente veicular marcas e ter esquemas de cores que identificam as equipes. A celebração da história, da memória, de ídolos e de conquistas aproxima os times de duas urgências da humanidade no século XXI: a memória, que tende a se globalizar, e a antropologia sobre os objetos.

No contexto do esporte e da apropriação das camisas como forma de celebração e memória, duas abordagens se fazem importantes para que possamos compreender esses acionamentos. A primeira foi apresentada em um artigo escrito por Flávio Silveira e Manuel Lima Filho sobre a antropologia do objeto documental, tratando sobre a relação entre a “alma nas coisas” e a coisificação dos objetos. E a segunda vem de um texto de Henry Rousso sobre a tendência da unificação da relação com o passado, apontando os caminhos para a globalização da memória.

Os objetos estão cheios de sentidos, explícitos ou não, sempre sob uma perspectiva simbólica. Assumindo o papel de ícones, conectam-se a uma experiência cultural e a um processo de significação para os indivíduos (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005). Desta forma, o objeto “está repleto de sentidos e nexos compartilhados por aqueles que lhe atribuem valores e simbolismos, sendo que os mesmos emergem da própria experiência intersubjetiva das pessoas em interação entre si, e delas com o mundo” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38).

Os simbolismos contidos nos objetos são diversos e complexos, remetendo a uma rede de sentidos para cada um – e isso traz uma série de inquietações que se originam na dialética entre memória e esquecimento (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005). Esse

tensionamento entre o que o objeto faz lembrar ou esquecer nos recorda do caráter antropológico da significação.

Um objeto ou coisa sempre remete a alguém ou algum lugar, permanecendo como um elemento de uma paisagem [...], ou mesmo de uma paisagem corporal [...].

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma nas coisas”, referida a uma paisagem (inter)subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento.

Daí que as imagens dos objetos também “circulam” nos meandros das memórias dos sujeitos, carregando lembranças de situações vividas outrora, permeadas por certas sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com o seu lugar de pertença. (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 39).

Portanto, o objeto depende da experiência e torna-se um documento porque é a tradução, a significação de um sistema cultural. Destacam-se, a partir disso, as reações das pessoas diante do contato com os objetos e as interpretações desencadeadas no processo de compreensão daquilo que se observa.

Um exemplo disso é o simples fato de vestir a camisa do clube do coração. Camisa essa que está repleta de significações, desenhos e elementos – subjetivos ou não. Ao vesti-la, o torcedor se identifica em relação a si mesmo e aos outros, ou seja, carrega tudo que a vestimenta contém.

O objeto assume uma dimensão mais aprofundada, pois liga-se a outras materialidades, à historicidade e às competências culturais dos indivíduos (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005). A partir disso, há o desencadeamento de uma série de reações nas pessoas, já que o objeto “fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 40). Por conseguinte,

[...] os objetos nos remetem a um complexo processo comunicativo, seguindo por caminhos singulares que expressam vias distintas, mas não excludentes: uma é interna e de caráter subjetivo, que aponta para o “trabalho da memória” (Bosi, 1994), resguardando, ainda, certa importância didático-pedagógica e ilustrativa pela sua capacidade de estimular reflexões, nas quais tempos e espaços são realinhados, misturados, desconstruídos pelo observador. [...]

O que se processa é uma espécie de externalização das impressões internalizadas quando do contato com o “artefato”, ou seja, a imagem do objeto e os sentidos possíveis que carrega consigo são interpretados, sendo revelados por meio das ações corporais dos sujeitos que o observam (olhares, gestos,

posições corporais), das palavras e, mesmo, da releitura do mesmo pela arte, que revela sempre um observador atento do objeto (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 42-43).

Sobre o contato dos sujeitos com as coisas, os autores destacam que o movimento “para dentro e para fora de si mesmo” se dá por meio da experiência antropológica, já que “os objetos, ao materializarem o que e como os homens pensam e por indexar um processo comunicativo, revelam uma parcela da expressão cultural sobre a qual o saber antropológico se debruça, revestindo-se, ainda, de valor documental” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 43). Ou seja, a antropologia dos objetos documentais só ganha corpo quando se origina no meio, na mediação (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005).

Para Henry Rousso (2014), a memória tem se inserido em um contexto de unificação, similaridade e globalização. A relação com o passado “tende a unificar-se, a ‘globalizar-se’, a suscitar formas de representações coletivas e de ações públicas que, pelo menos aparentemente, são cada vez mais semelhantes” (ROUSSO, 2014, p. 266).

Assiste-se, assim, a um mesmo, para não dizer homogêneo, movimento planetário de reativação do passado, e podem-se observar, simultaneamente, numerosas semelhanças nas expectativas da opinião pública e nas políticas empregadas para dar um “justo” lugar à história e à memória em contextos aparentemente muito distantes uns dos outros. [...]

Duas séries de elementos permitem destrinchar *ad minima* a ideia de uma globalização das relações com o passado: uma sobressai do realce dado às temporalidades comparáveis na cronologia da lembrança de episódios traumáticos, a outra, [...] da emergência de um novo espaço público mundial (ROUSSO, 2014, p. 267 e 269).

A memória se tornou “um valor positivo quase universal, uma tradição reinventada que se opõe ao esquecimento, tornado, este, um valor negativo” (ROUSSO, 2014, p. 272). Portanto, esquecer representaria uma ausência, algo muito difícil de suportar. O espaço que a memória ocupa na sociedade vem aumentando com o passar do tempo, fazendo com que extrapole o campo restrito pessoal, coletivo e regional para alcançar o nível global.

Camisas no futebol: expressão e produção de sentidos

Com o uso cada vez maior do *design* e dos elementos de expressão comemorativa, as camisas dos clubes passaram a figurar como uma forma de vinculação ainda mais

profunda com as torcidas e até mesmo com o público em geral. Tornaram-se, além de vestimentas, objetos de desejo e até mesmo itens de colecionador.

Inicialmente, as camisas dos times eram utilizadas para organizar e diferenciar os atletas. Ao longo das décadas, elementos visuais diversos e marcas de patrocinadores começaram a aparecer. O *design* se tornou uma ferramenta para criar camisas diferentes, que celebram conquistas, ídolos e outros acontecimentos que fazem parte da história dos clubes e das regiões nas quais estes se originaram.

É o caso das camisas da Chapecoense, especialmente se analisarmos alguns modelos lançados pelo clube catarinense entre 2016 e 2020. A “era das comemorações” nesses objetos intensificou-se por meio da expressão da identidade e da celebração do legado das vítimas do acidente, do apoio da torcida e da exaltação das raízes – o time é tido como um dos orgulhos do oeste de Santa Catarina.

A Era das Comemorações

Esta pesquisa surgiu, primeiramente, a partir da rica reflexão construída pelo professor Antônio Fernando de Araújo Sá sobre a relação entre memória e história – que inicialmente se instaurou na Antiguidade –, mas hoje emerge em diversos campos sociais, como no esporte. Com a perspectiva contemporânea da aceleração do tempo e das lógicas da vida humana, o autor nos traz um conceito ligado à celebração do passado e dos acontecimentos: “desde a publicação do trabalho organizado por Pierre Nora, tem se tornado um lugar comum na cultura contemporânea a afirmação de que nós vivemos numa ‘era das comemorações’” (SÁ, 2003, p. 143, grifo nosso). E faz um alerta, já que só celebramos algo porque certos acontecimentos guardam algum significado para nós (SÁ, 2003).

Antes de prosseguirmos sobre a “era das comemorações”, é necessário entendermos a distinção que Pierre Nora fez sobre a memória e a história, já que a

[...] memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9).

Antônio Sá aponta que a memória, a tentativa de compreender as relações com o passado e o sentimento de responsabilidade com o que não deve ser esquecido fazem cada vez mais parte da vida humana – já que, “nas últimas décadas, vivemos uma incontornável emergência da memória nos diversos campos do saber” (2003, p. 122). E ainda explica como os objetos e as representações performam no imaginário e no simbólico:

O contexto pós-moderno de uma “era das comemorações” produz uma revalorização das práticas e usos da memória que a transforma em uma indústria: a obsessão em relembrar o passado tem ocasionado uma verdadeira “inflação” de ocorrências comemorativas. [...] Os objetos, a partir do poder de seu conteúdo de simbolização histórica, são mnemotecnicamente fetichizados, o que torna possível identificar uma série de mediações entre as práticas sociais comemorativas (o que e como se comemora) e os conteúdos das representações (por que e através de que se comemora). [...] Como a memória permite o grande jogo entre o imaginário e o simbólico, a comemoração é um trabalho permanente de reconstrução, de reencenação e de reinvenção do passado. (SÁ, 2006, p. 107 e seg.).

O autor analisa que “no momento atual, vivemos uma profunda revisão nos modos de pensar e reconstituir o passado [...]. Em consequência disso, memória e identidade aparecem como uma das chaves de compreensão da situação atual desta historiografia” (SÁ, 2003, p. 136). E também conclui que há um importante esforço de rememoração, ressignificando a subjetividade e a poetização do tempo passado. Sá argumenta que

[...] se a memória é um fenômeno construído social e individualmente, ela é também um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, no sentido de que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (SÁ, 2003, p. 138).

Ora, se a comemoração é um dos componentes da formação identitária dos sujeitos e dos grupos e se fecunda na memória, então as ritualizações do passado o ressignificam como elementos fundamentais para a vida humana. Isso acontece porque os indivíduos buscam, a todo tempo, dar sentido para a vida e, por conseguinte, dar um novo significado para o passado (SÁ, 2003). “Comemorar vem do latim *commemorare*, que significa trazer à memória; fazer recordar, lembrar. Assim, é através da comemoração [...] que se demarca na memória coletiva aquilo que deve ser lembrado, aquilo que deve ser esquecido” (SÁ, 2003, p. 142). É nesse campo de tensão e negociação entre memória e esquecimento que as celebrações se instauram.

Marialva Barbosa explica que as comemorações “cumprem o papel de antecipar o futuro e intensificar o presente, tomando o passado como ícone reverenciado por possuir

a singularidade de deter o tempo” (2008, p. 88). Nesse sentido, é por meio das celebrações que os indivíduos detêm o poder de selecionar o que é de fato memorável.

Já Lidiane Pinheiro (2011) argumenta que, nas comemorações, o presente se liga ao tempo que passou, atualizando fatos que já ocorreram – construindo a memória coletiva. Os fatos, então, dependem das pessoas para significarem algo.

[...] a comemoração é um tipo de ritual que mostra o que aconteceu no passado, mas que tem ainda hoje um sentido forte. Ela reproduz sequências já conhecidas do acontecimento e chama o público para completar seus movimentos. É, portanto, rica em símbolos e significações. Confiante talvez na sua eficácia, a sociedade tem se ocupado incessantemente das comemorações. Anualmente, dezenas delas povoam a mídia. São aniversários de conquistas, de guerras, da morte de pessoas célebres etc. (PINHEIRO, 2011, p. 6).

As camisas da Chapecoense no contexto das celebrações

Em novembro de 2016, um acidente aéreo vitimou 71 pessoas da delegação da Chapecoense (além de convidados, jornalistas e tripulantes) que viajavam para a Colômbia para a primeira partida da final da Copa Sul-Americana. Por ocasião da tragédia, o clube passou a celebrar a memória das vítimas com certa frequência nas camisas nos anos seguintes – especialmente de 2017 a 2020.

Além das homenagens às vítimas, a Chapecoense ainda inseriu elementos de cunho regional nos uniformes com maior frequência. Eles aludem à relação do clube com as raízes e com o povo do extremo-oeste de Santa Catarina, apresentando o time como um “orgulho da região”. Por fim, também inseriu elementos visuais explícitos ou subjetivos sobre a origem indígena da região de Chapecó.

Então há uma conjunção de fatores: a elevação do regionalismo, o orgulho de fazer parte da história e a conexão com as origens (do povo, da terra e da região), assim como as homenagens aos “Eternos Campeões” – as vítimas do acidente que elevaram o nome do clube.

No ano de 2017, a Umbro e a Chapecoense lançaram uma camisa que tinha desenhos geométricos da tribo Kaingang, celebrando as raízes indígenas da região de Chapecó e fazendo também uma alusão ao Índio Condá, mascote do clube. Como a camisa celebrou as origens do clube, também houve a inclusão de um selo comemorativo lembrando os cem anos de fundação da cidade de Chapecó (CAMISAS..., 2017).

Figura 1 – Camisa I de 2017 celebrou as raízes da região de Chapecó



Fonte: (Umbro Brasil, 2017).

Para o ano de 2017 também houve o lançamento da camisa III para a disputa da Copa Libertadores, com a inscrição que celebrou a memória das vítimas: “Chape na Libertadores da América 2017. Obrigado, eternos guerreiros” (CAMISA..., 2017).

Ainda em 2017, a Chapecoense e a Umbro lançaram uma quarta camisa com 73 estrelas espalhadas pelo tecido – aludindo ao ano de fundação do clube, 1973. A versão foi utilizada pela primeira vez em um jogo contra o Barcelona, na Espanha, pelo troféu Joan Gamper (MOTA; ROCHA, 2017). Pessoas do mundo inteiro assistiram o amistoso e viram a camisa especial.

Figura 2 – Camisa de 2017 que celebrou o ano em que o clube foi fundado



Fonte: (Umbro Brasil, 2017).

Já em 2018, a camisa II do clube catarinense fez uma homenagem à Colômbia, que disputou a Copa do Mundo no mesmo ano. Foi uma iniciativa da Umbro junto aos times patrocinados pela fornecedora de materiais esportivos que, no caso da Chapecoense, exaltou os laços entre Brasil e Colômbia – especialmente por conta da solidariedade dos colombianos após o acidente aéreo. A camisa recebeu o nome de “*La Pasión*” e foi definida como

[...] o sentimento que motiva a torcida e jogadores para buscar qualquer superação. Indo de Chapecó a Medellín essa camisa representa tudo o que há em comum entre o povo brasileiro e a Colômbia: a paixão pelo futebol e todo respeito e admiração entre as duas nações. A cor principal do uniforme é o branco, transmitindo assim toda paz e harmonia entre os povos dos dois países, e tem um visual arrojado, com detalhes nas cores da bandeira colombiana na região do peito. (COLÔMBIA..., 2018).

Figura 3 – Camisa II da Chapecoense em 2018 celebrando os laços com a Colômbia



Fonte: (Umbro Brasil, 2018).

As camisas dos times de futebol carregam diversos símbolos e elementos visuais. Especialmente nos últimos anos, tornaram-se ferramentas de expressão e também um objeto de desejo ainda maior das torcidas. Por meio de representações nas camisas, os times constroem o *design* desses produtos com o objetivo de fortalecer os laços de identidade, celebrar e lembrar de algum acontecimento, homenagear pessoas, etc.

Para satisfazer os objetivos e os questionamentos que nortearam essa pesquisa, foi necessária uma revisão bibliográfica, que segundo Antonio Carlos Gil é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2002, p. 44). Além disso, foram realizadas uma pesquisa documental e uma análise descritiva por meio de imagens e textos em portais na *internet* que falam sobre as camisas da Chapecoense e explicam os elementos presentes nelas.

Considerações finais

Essa pesquisa nos ajuda a compreender o contexto no qual a era das comemorações se insere, assim como influencia o cotidiano da humanidade – especialmente no âmbito do esporte. Por meio dos exemplos das camisas da Chapecoense podemos ver que os clubes e as fornecedoras de materiais esportivos elaboram os *designs* dos uniformes com o objetivo de celebrar a memória e a história. Essa atitude se tornou mais frequente nos últimos anos. A comemoração da identidade, do passado e da memória é algo comum no meio esportivo, que fica cada dia mais midiaticizado e conectado com o global. Por este motivo temos tantos acionamentos memorialísticos com a intenção de celebrar o tempo, as pessoas e as conquistas que passaram.

A era das comemorações se instalou na sociedade e se faz presente em todos os lugares. Com a memória globalizada, a celebração do passado tem como objetivo deter – em meio à tensão entre lembrar e esquecer –, o avanço cada vez mais rápido do tempo.

As camisas dos times são utilizadas como suportes de comunicação há décadas, mas nos últimos tempos o leque de possibilidades se abriu um pouco mais e então esses objetos se transformaram em espaços de identidade, expressão e celebração. Este terreno ainda é pouco explorado, mas acreditamos que a materialidade desse conceito ajuda a compreendermos como os sujeitos celebram o passado no presente em meio a um regime de temporalidades que configura a existência humana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. *In*: RIBEIRO, Ana Paula G.; HERSCHMANN, Micael (org.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008. P. 83-96.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia. **Motrivivência**, v. 17, n. 1, p. 107-111, 2001.

CAMISA especial da Chapecoense para a Libertadores 2017. **Mantos do Futebol**, 16 mar. 2017. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2017/03/camisa-especial-chapecoense-libertadores-2017-umbro/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CAMISAS da Chapecoense 2017-2018 Umbro. **Mantos do Futebol**, 14 mar. 2017. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2017/03/camisas-chapecoense-2017-2018-umbro/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

COLÔMBIA: Camisa “La Pasi3n” da Chapecoense 2018 Umbro Nations. **Mantos do Futebol**, 14 abr. 2018. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2018/04/colombia-camisa-chapecoense-2018-umbro-nations/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. S3o Paulo: Atlas, 2002.

MOTA, Cahê; ROCHA, Pedro. Com traje especial: Chapecoense ter3a nova camisa para enfrentar o Barcelona. **Globo Esporte**, 2 ago. 2017. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/com-traje-especial-chapecoense-tera-nova-camisa-para-enfrentar-o-barcelona.ghtml>. Acesso em: 3 jul. 2023.

NORA, Pierre. Entre mem3ria e hist3ria: a problem3tica dos lugares. **Projeto Hist3ria**, S3o Paulo, 10, 7-28, dez. 1993.

PINHEIRO, Lidiane. S. de L. A comemora3o do fato hist3rico no jornal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais [...]**. S3o Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1732-1.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023.

ROUSSO, H. Rumo a uma globaliza3o da mem3ria. **Hist3ria Revista**, Goi3nia, v. 19, n. 1, p. 265–279, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/30527>. Acesso em: 15 jul. 2023.

S3A, Ant3nio Fernando de A. **Filigranas da mem3ria**: hist3ria e mem3ria nas comemora3es dos centen3rios de Canudos (1993-1997). 2006. 489 f. Tese (Doutorado em Hist3ria) - Universidade de Bras3lia, Bras3lia, 2006.

S3A, Ant3nio Fernando de A. Hist3ria e Mem3ria na Era das Comemora3es. **Cadernos do CEOM** (Unochapec3), Chapec3/SC, v. n. 17, p. 121-155, jun. 2003. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2194>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SILVEIRA, Fl3vio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre "a alma nas coisas" e a coisifica3o do objeto. **Horizontes Antropol3gicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005.